

Da Ufopa a Várzea: Interações pedagógicas e científicas entre jovens universitários e escolares para produção de materiais didáticos voltados aos conhecimentos sobre os encantados da várzea santarena (PA)¹

Autora: Emilly Yasmim Lopes Cardoso

Co-autoria: Grazielle Benício Martins

Orientadora: Myrian Sá Leitão Barboza

UFOPA - ICS / Pará - Brasil

O presente trabalho retrata as atividades do projeto interdisciplinar Guardiãs da Sociobiodiversidade Amazônica² vinculado a Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, em comunidades de várzea da região do Aritapera, localizado no baixo Amazonas do oeste paraense. Este projeto envolveu estudantes bolsistas de graduação em Antropologia e Arqueologia e do ensino médio da Escola Santíssima Trindade (escola pólo desta região), com o objetivo de produzir fascículos didáticos dos temas de pesquisas que estavam sendo desenvolvidas pelos estudantes de graduação naquela região.

Os temas versavam sobre formas de uso e percepção dos recursos naturais (capivaras, bichos de cascos, pirarucu, marreca, pato do mato e aningais) e das mudanças climáticas no ecossistema de várzea pelos varjeiros. Várzea são terrenos localizados em áreas que há inundação de 6 em 6 meses do rio Amazonas, passa-se por 3 processos: cheia, que ocorre entre os meses de Abril a Junho; vazante (descida ou subida do rio), entre Julho e Agosto e seca que se concentra entre Agosto e Março. Varjeiros, é a forma que os comunitários se reconhecem, em muitas comunidades do Pará que residem em casas de palafitas, estruturas que suportam a dinâmica do rio Amazonas são popularmente conhecidas como ribeirinhos, porém, no caso da região do Aritapera, localizado no Oeste do Pará, os moradores desta região preferem que sua identidade cultural seja denominada como “varjeiros”.

O tema “encantados e crise climática”, foi a pesquisa que assumir conjuntamente com a tutoranda Grazielle, pois cada bolsista de graduação se tornou tutor (orientador) de um bolsista do ensino médio, para que a produção do fascículo didático ganhasse vida neste campo, era necessário que houvesse a agência direta dos comunitários e os jovens era a peça

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² rede social do projeto (Instagram): @gdsamazonica / site: gdsamazonica.com

fundamental para isso. Nesse sentido, abordarei esta experiência com a pesquisa e a metodologia utilizada para orientar a tutoranda no processo das atividades nas comunidades envolvidas.

Os encantados são entidades da cosmologia afro-indígena, são guardiãs de áreas consideradas sagradas pelos comunitários, como igarapés, lagos, árvores antigas (castanheira), plantas (aningais e vitórias régias) e podem se manifestar em forma de animais como a cobra, pirarucu, boto ou em forma humana. Os casos variam de acordo com o contexto histórico do local. Essas entidades também são cultuadas em casas de terreiro que trabalham com caboclos da região, bem como, há uma forte relação com pajés e curandeiros (SILVA, Gerson Santos, 2014).

O principal entrave sobre a pesquisa no tema dos encantados consistiu na descrença que vêm ocorrendo nos últimos anos por parte de alguns jovens das comunidades. Essa indagação consistiu através de conversas informais com comunitários da faixa etária de 40 a 70 anos, sempre relataram que os jovens não davam importância para o tema e observando a forma como os jovens tratava quando se levantava o assunto em momentos de socialização, porém, a crença a respeito dessas entidades partindo dos jovens, varia do seu grupo familiar e social nas comunidades da Enseada, Centro, Carapanatuba e Água Preta. Sendo assim, o que pode estar relacionado a influências internas ou externas, no caso, familiar, religiosa, das informações que estão acessando pelas mídias sociais ou do preconceito urbano que há sob seus modos de vida.

Nesse sentido, realizamos a força tarefa em apresentar referências e informações que pudessem despertar o interesse dos jovens sobre o tema, o que foi fundamental para facilitar o acesso aos relatos. Com o intuito de desmistificar a folclorização estereotipada ao tema, que inclusive é a forma usualmente expressa nos livros escolares, realizamos apresentações sobre a importância do tema e como é retratado nos estudos de antropologia.

A produção dos fascículos seguiu 5 etapas metodológicas: sendo o primeiro, a pesquisa na comunidade; segundo, oficina de imagens (desenhos) e versos na escola; terceiro, sistematização dos dados coletados, quarto, montagem e produção do material e por último a entrega do material na escola.

Vale salientar, que minha orientadora já havia em anos anteriores desenvolvido pesquisa e constituído uma rede de relações com os moradores dessas comunidades da região do

Aritapera, o que facilitou no acesso aos contatos para uma prévia consulta do interesse em participar das pesquisas que estavam sendo planejadas pelo projeto.

A primeira etapa da atividade do projeto, iniciou previamente pelo contato com minha tutoranda através do whatsapp, pois neste momento ela precisaria se familiarizar com o processo metodológico de uma pesquisa, como leituras e pequenos exercícios práticos em sua comunidade. Trabalhamos a distância com leituras fundamentais para exercitar o olhar sobre o tema, como o livro “Santos e Visagens” (GALVÃO, 1955) e “Isso Tudo é Encantado” (VAZ FILHO; CARVALHO, 2013), referências para estudos sobre encantados da região e o clássico texto de introdução ao fazer antropológico “O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA, 2006), para que assim a tutoranda começasse a ir exercitando com perguntas simples aos seus parentes sobre os encantados presentes em sua comunidade (Água Preta), e assim ela foi se apropriando com o assunto com viés das metodologias científicas.

Contendo as primeiras informações dos encantados em mãos, no caso, os nomes, onde estão situados e forma que se manifestam, foi possível elaborar o plano de levantamento mais detalhado com a tutoranda quando estivesse em campo. No caso, procurar entender mais a fundo a relação que os comunitários têm com esses encantados, quais experiências tiveram ou ouviram de alguém sobre eles, o por que do desaparecimento de alguns e quais impactos os que ainda resistem pode causar na área que estão localizados, como igarapés, lagos e aningais. Com o objetivo de chegar a algum caminho do que pode estar causando a mudança dessas relações, o desaparecimento dessas entidades nas comunidades como já referidas em minhas primeiras indagações sobre o assunto em meses anteriores na comunidade e os impactos que a comunidade tem enfrentado nos últimos anos referente a mudança climática na região. E assim o seguimos, com as visitas nas residências dos moradores que são (as) mestres (as) sobre os encantados e nos locais sagrados. A ferramenta utilizada para coletar as informações foi através de gravadores em áudios e vídeos de celular (Redmi Note 11), e dos locais sagrados em fotos.

Neste campo, fizemos visitas na comunidade da tutoranda, na comunidade de Água Preta, com personalidades fundamentais que auxiliaram significativamente na compreensão das relações dos varjeiros com os encantados ali na região. Como Dona Rosalina, uma senhora que trabalha na comunidade Água Preta como puxadeira e benzedeira, seu Chico Rabeta também da comunidade Água Preta, é um grande contador de histórias e seu Carlito da

comunidade Carapanatuba, é comandante de embarcação e bastante conhecido na região do Aritaperá, contribuíram como principais interlocutores da presente pesquisa.

O acontecimento de encantamento por Boto, Sereia e Cobra Grande que se via com frequência na comunidade Água Preta segundo seu Chico Rabeta, não se vê nos dias atuais, em seu relato, sempre referia essas entidades ao passado, para ele o efeito disso, pode estar relacionado às mudanças de locomoção que a comunidade passou ter ao longo do tempo, ou seja, quando a utilização do remo se torna menos frequente nas canoas e passam predominantemente a obter o “motor de rabeta”, além do crescimento da terra no local “terra crescida” um fenômeno natural da várzea. Enquanto dona Rosalina, diz que os encantados ainda permanecem vagando pelos locais, o que ocorreu segundo ela, foi a descrença partindo de alguns moradores em relação a essas divindades, pois ela enquanto benzedeira e que tem o dom da visão, os vê diariamente nos locais que moram. Seu Carlito sobre a sua comunidade (Carapanatuba) retrata da mesma forma que dona Rosalina e seu Chico Rabeta sobre casos de manifestação dos encantados, para ele um boto bastante conhecido ali na comunidade deixou de se apresentar devido a entrada do rio Amazonas no local.

Nesse sentido, a suposição, dos comunitários, seria o avanço das tecnologias que chegaram na comunidade e trouxeram mudanças significativas, a vinda da utilização do “motor de popa babeta”, o avanço das “terras caídas” ou “terras crescidas” um fenômeno natural da região e a estiagem do rio Amazonas, influenciou nessas mudanças de relação com os encantados.

O que significa que nesses relatos tudo está relacionado a dinâmica do rio Amazonas, pois é ele que detém ou não a vida de algumas espécies de plantas como os “aningais” que aglomera uma biodiversidade do ecossistema e quando há um aglomerado desta planta em bastante quantidade, pode ser que tenha um (a) guardião na área, pois em sua maioria estão situados em igarapés e lagos, os aningais quando em contato com o rio Amazonas perdem sua capacidade de sobrevivência e muitas espécies de animais ficam sem abrigo quando o aglomerado desta planta passa por esse processo de contato com o rio Amazonas.

O avanço das terras caídas (quando a terra firme desce junto com a força do rio) ou “terras crescidas” (quando o solo cresce no local, tornando uma “nova ilha”) essa dinâmica do rio tem se intensificado nos últimos anos, segundo os comunitários, devido o efeito do clima, segundo eles cada vez os anos têm sido mais quente. Essa questão se concretizou neste mesmo ano (2023) entre os meses de Setembro a Janeiro que houve uma grande seca na

região e a estimativa dos comunitários sobre o período de cheia deste ano de 2024, pode ser pequena comparada ao de 2023, o que acarreta a provavelmente mais um enfrentamento quando chegar o verão.

A chegada das tecnologias como o “motor de popa rabeta”, energia e a internet, segundo os comunitários deve ter sido uma das causas dos relatos de manifestação terem diminuídos, pois a locomoção não é mais demorada e o silêncio passou a ser quebrado devido o barulho do motor, quanto internet, impactou nos encontros em casa de algum conhecido onde se fazia troca dessas experiências com encantado ou para assistir uma novela na casa de quem obtinha esse aparelho, atualmente, a maioria das casas obtém uma televisão, além da energia, que se democratizou na região, em sua maioria utilizam fonte de energia solar.

As entidades possuem nomes próprios, especificamente alguns animais como, os botos: o Zé do Lago, Perajauara e o João Batista, eles deixaram de aparecer por conta do barulho do motor, esses botos citados acima desciam (manifestavam no corpo) no Pajé Romualdo que faleceu há alguns anos. Para esses comunitários, o Pajé Romualdo após sua morte, se materializou na cidade do fundo do rio e se tornou um boto encantado.

A “Mãe do Pulsão”, um pirarucu encantado, que mora em um lago que nunca seca, eles denominam esse lugar como “pulsão”, ela ao contrário dos botos, ainda permanece no local, fiz uma visita apenas na entrada, pois o acesso estava dificultosa e na época em que eu e Grazielle fomos (Abril), não é indicado para visitas, o melhor momento anula para entrar no lago é entre Setembro e Outubro, nesse viés, mesmo não conseguindo adentrar ao centro do lago, é possível perceber o diferencial que o local tem de outras áreas da comunidade, por adquirir uma diversidade de pássaros que fazem parte da cosmologia afro-ameríndia da amazônia, como o Iurupari popularmente conhecido como “Capitão do Mato”, além da energia espiritual que o local obtém.



Mestre Chico Rabeta em conversa sobre os encantados

Foto: Barbara Vale, 2023



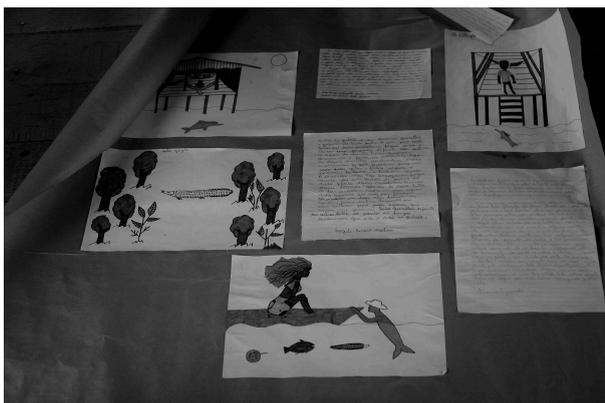
Pulsão, lago onde mora a encantada guardiã
que se apresenta em forma de pirarucu.

Foto: Emilly Lopes, 2023

Seguindo na segunda etapa, elaboramos na escola Santíssima Trindade uma atividade chamada “oficina navegando” que se tratava em produzir imagens (desenhos) e versos com estudantes que estavam cursando o último ano do ensino fundamental II (9ºano) e do 1º ao 3º ano do ensino médio, sobre os temas que cada dupla de estudantes bolsistas de graduação e ensino médio estavam desenvolvendo em suas pesquisas. No grupo que eu e minha tutoranda nos encarregamos de trabalhar, inicialmente percebemos uma dificuldade dos estudantes em relatar algum acontecimento ou experiência de um familiar mais velho com o encantado que reside nas comunidades.

Nesse sentido, como a atividade ocorreria em dois dias, no primeiro dia, fizemos um rascunho do que poderia ser trabalhado em forma de desenho, os estudantes retornaram para suas residências com tarefa de casa, que seria conversar com seus pais ou algum familiar com mais idade, informar da atividade da escola e fazer a entrevista com seu parente onde o relataria sobre algum acontecimento que presenciou ou ouviu na comunidade. No dia seguinte, os estudantes voltaram com os relatos escritos em um papel A4, para anexar na montagem do material, em base dos relatos elaboramos os desenhos, que foram lapidadas com canetas especiais e pintura em tinta guache em um papel A4, esses materiais foram necessários para ajudar as imagens ficar em boa qualidade no processo de digitalização.

As histórias que foram coletadas pelos estudantes ficaram de boa qualidade, pois foram histórias retratadas da própria realidade de seus familiares, como encantamento por boto (a), a história da origem da Mãe do Pulsão (pirarucu encantado), os Ouros enterrados próximos a árvores antigas, são alguns exemplos dos materiais coletados pelos estudantes do ensino médio. Através desta dinâmica, os estudantes tiveram um rico aprendizado sobre seu próprio território, pois além de entender como funciona uma parte do trabalho de pesquisa, neste caso, conversar, ouvir, registrar e desenvolver uma descrição do relato, eles refletiram do porquê não estavam dando importância para o assunto, e por quais caminhos poderiam navegar partindo deste ponto, em relação ao reconhecimento da importância da presença desses seres para que a floresta de seu território permaneça viva.



Montagem das imagens e versos

Foto: Gabriel R. Licata, 2023



Estudantes da escola apresentando a atividade
(Santíssima Trindade)

Foto: Gabriel R.Licata, 2023

No caso da terceira etapa, seguimos na sistematização dos materiais produzidos com os estudantes na escola Santíssima Trindade, pois esses materiais que serão o conteúdo dos fascículos didáticos, posicionando o conhecimento e o trabalho dos estudantes a partir de seus entendimentos dos seus territórios no material educativo. A digitalização do material, foi coletada através do aplicativo de celular “CamScanner” cada bolsista de graduação ficou com a responsabilidade de produzir as imagens através desta plataforma para organizar a montagem do material posteriormente.

Seguindo para a quarta etapa, foi o momento de voltar a cidade e organizar as imagens escaneadas e entrevistas que serão abordadas no fascículo, montei em tabelas as conversas que levantei em conjunto com a tutoranda, organizamos em pastas no google drive do projeto cada página do fascículo e desenhamos o que colocaria em cada uma delas, como as entrevistas, as imagens, os relatos e um resumo sobre o tema da pesquisa que está sendo desenvolvido na comunidade.

Nesse viés, não conseguimos encerrar a última etapa, que era entregar o material finalizado à comunidade por falta de recurso e contratempos que os envolvidos do projeto foi tomando ao longo dos meses, no entanto, acreditamos que esses materiais didáticos em breve terá um retorno à comunidade e será apreciada ao longo dos anos para as próximas gerações da escola Santíssima Trindade.

Assim sendo, a através da minha formação em graduação em Antropologia que ainda está em curso, possibilitou que neste projeto assim como o rio Amazonas, navegasse na pesquisa, ensino e arte, assim como eles aprendiam um pouco sobre etnografar, fui me nutrindo de conhecimentos que fazem parte de sua própria realidade. (Freire, 2004). E refletindo quais possibilidades de caminhos que a educação na Amazônia poderia seguir, para se tornar mais inclusiva, ou seja, trazendo saberes tradicionais locais de acordo com a realidade do jovem para a escola, pois são conhecimentos que precisam ser valorizados em nossa região.

Para além desta observação notou-se que os materiais didáticos do programa do ensino médio por exemplo, pouco se diz sobre a Amazônia no geral, como vivem e quem são as populações; como funciona a floresta amazônica; qual a importância que a biodiversidade da floresta amazônica tem para o planeta; quais são as principais consequências que o garimpo ocasiona nas populações amazônicas; história geral da Amazônia; remédios de plantas e ervas medicinais são alguns exemplos que muitos jovens da região próximas a cidade de Santarém-PA não estão tendo acesso no ensino médio, pois além de serem materiais essenciais para retratar o conhecimento local, não há no livros didáticos escolares o que se encontra de conteúdo são conhecimentos de outras regiões do país, a Amazônia segue sendo retratada de maneira superficial nos livros didáticos.

Nesse sentido, há uma demanda de formação que precisa ser retratada nas escolas do oeste paraense, com a utilização da Antropologia em algumas atividades, pode ser um caminho possível para dinamizar essa necessidade. Pois é uma área que se preocupa em visualizar a cultura local, no caso, os saberes dos mestres (as) da várzea, que podem ser acessadas e realizadas pelas instituições de ensino básico, confluindo os saberes orgânicos através da arte com o ensino e a pesquisa, assim iremos potencializando de forma didática os saberes locais na região. (Antônio Bispo, 2015)

Assim sendo, a experiência nesta fase do projeto Guardiões da Sociobiodiversidade Amazônica, foi transformadora, tanto para os estudantes bolsistas de graduação, como para os bolsistas do ensino médio, para os outros estudantes do ensino médio e para os (as) professores (a) da escola. Que logo presenciaram o grande potencial que seus alunos (as) obtém para escrever poesias, versos e histórias, bem como, as obras de artes lapidadas manualmente sobre as suas comunidades, que foram produzidas na oficina navegando.

Logo, para mim enquanto estudante ainda de graduação, ter seguido um caminho diferente na minha primeira produção etnográfica para além da observação participante, assumir papel de professora neste momento foi fundamental para o meu amadurecimento acadêmico. Assim como, facilitou e aproximou ainda mais a minha agência na investigação do tema na comunidade, pois além de pesquisadora houve um reconhecimento como educadora, mesmo não tendo um título em licenciatura ou pedagogia. Sendo assim, portanto, um título presenteado pelos estudantes e servidores da escola, e que me colocou num lugar de responsabilidade em proporcionar o retorno da pesquisa e valorização da identidade local através da educação, tornando assim inspiração para um futuro trabalho dos jovens nas comunidades.

Palavras Chaves: comunidades ribeirinhas, ensinar antropologia na educação básica e reconhecimento da identidade varjeira.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo . *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GALVÃO, Eduardo. (1976 [1955]), *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita* São Paulo: Cia. Editora Nacional.

OLIVEIRA, Roberto Oliveira de. *O trabalho do antropólogo*. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006. Capítulo 01.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SILVA, Gerson Santos, *Encantados da Amazônia; os espíritos da natureza*, Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio Saberes .2014

VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de Carvalho (Ed.). *Isso tudo é encantado*. Santarém: UFOPA, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.